

APRESENTAÇÃO

O presente número da Revista Literatura em Debate vem divulgar pesquisas qualificadas sobre literatura, natureza e espaço, englobando as representações do campo e do urbano, encontráveis através de textos literários consagrados ou à margem do cânone. Deste modo, esta nova edição da Revista considera que a literatura clássica, moderna e/ou contemporânea, especialmente a prosa de ficção, tematiza o espaço urbano de maneira singular, de forma que a cidade foi continuamente objeto destacado da produção ficcional e poética de muitos artistas e produtores culturais de todo o mundo. Os escritores das diversas estéticas literárias da história, desde que se desenvolveu na literatura ocidental a prosa ficcional literária ou o romance de características urbanas, exploram em suas narrativas os signos de desagregação da vida citadina, seja no campo ou nas grandes metrópoles modernas, bem como os seus efeitos sobre os processos de subjetivação dos indivíduos, através dos modos de convivialidade social e da sensibilidade muitas vezes neurótica dos personagens do discurso narrativo.

Por outro lado, não somente a cidade, como também o campo, foi objeto assíduo de especulação e produção, durante muito tempo ao longo da tradição literária ocidental, na qual o espaço geográfico da natureza é concebido através de uma visão edênica, como um ideal de vida e ethos, em oposição ao citadino e suas múltiplas e dissonantes representações, vazadas em narrativas que exploram, desde então, as múltiplas facetas da modernidade urbana. Desse modo, o presente número da Revista Literatura em Debate acolheu trabalhos que tematizaram questões e reflexões relacionadas à literatura e suas relações com as representações do espaço, da natureza, do campo e do urbano, bem como suas problematizações com a linguagem e a escrita literária, contemplando, por igual, aportes transdisciplinares com a história, a geografia, a antropologia, a filosofia, a sociologia, a literatura comparada e a crítica da cultura. O presente número também inclui resenhas de livros publicados nos dois últimos anos (2009-2010).

Deste modo, este número dedica especial atenção e espaço às relações pertinentes entre literatura e natureza, literatura e espaço (rural ou urbano, natural ou artificial), literatura e geografia, bem como a todo o espectro de relações interdisciplinares e transdisciplinares com a teoria literária e/ou a crítica da cultura, a fim de permitir que os estudos literários e suas relações com outras expressões estéticas, em nível de comparatismo, mantenham vínculos relevantes e permanentes com o histórico e o social. A intenção dos editores do presente número deste periódico foi oferecer aos leitores um amplo painel das novas tendências que aproximam os estudos literários de áreas e gêneros antes considerados distantes ou pouco próximos, como a geografia, a botânica, narrativas de viagem, a sociologia urbana, a história ambiental, o biorregionalismo, a modernidade agrícola.

Ao alcançarmos a oitava edição deste periódico, expressamos aqui, como editores e organizadores do presente número, a imensa satisfação pelo interesse que a temática suscita entre os pesquisadores não somente dos estudos literários, como de outros domínios do pensamento acadêmico, a exemplo da História, a Filosofia, Ciências Sociais, entre outras. O volume de artigos enviados e aceitos para compor a atual edição da revista é uma demonstração de que a escolha do tema foi novamente acertada e apropriada, uma vez que acolhemos produções significativas, com expressiva densidade investigativa e contribuições que, com certeza, alimentarão os futuros debates, e aumentarão, assim, a compreensão acadêmica sobre o tema. Nesta edição, os textos são oriundos de pesquisadores vinculados a programas de graduação e pós-graduação de universidades e IES como a Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio, Instituto

Superior de Educação do Vale do Juruena, PUCRS, UCS, UEFS, UESC, UFMS, UFPA, UFPR, UFRJ, UFSC, UNICENTRO, Universidade do Porto (Portugal), URI e USP.

Os editores do presente número procuraram, ao organizar os artigos, encontrar alguns eixos temáticos que agrupem os artigos em torno de assuntos comuns. Assim, o leitor perceberá que o periódico encontra-se dividido (sem marcas textuais) em grupos, de modo que os seis primeiros trabalhos concentram-se mais sobre as representações literárias do campo e da natureza, em oposição à cidade. No grupo posterior de artigos, composto por sete trabalhos, encontramos os textos que se detiveram em análise e reflexões sobre as representações literárias do urbano, enquanto as três últimas produções selecionadas articulam-se em torno do binômio campo/cidade.

O primeiro artigo é de autoria de Claudio José de Almeida Mello. Em seu texto, o professor e pesquisador tece reflexões sobre a formação e a construção da nacionalidade brasileira, tomando como referência alguns paradigmas do projeto estético do romantismo (indianismo e sertanismo), particularmente na obra de Bernardo Guimarães. O autor aponta, em seu ensaio, que a tópica de Guimarães volta-se para o cultivo e a exaltação dos valores do sertão, colocado em posição de valorização edênica em relação ao urbano, uma vez que não estaria corrompido pela influência estrangeira e pelas cidades. Deste modo, o articulista demonstra como a natureza do sertão é idealizada, reflexo de uma sociedade igualmente idealizada, onde as instituições, como a família e a religião, são sagradas, e constituem a base da sociedade de um Brasil autêntico e puro, ligado às suas raízes ancestrais e populares, envoltas em lendas e histórias nacionais.

Dando sequência às reflexões que envolvem literatura, romantismo e natureza, temos o artigo de Fábio Martinelli Casemiro, que trata da obra do poeta maranhense Teófilo Dias (1954-1889). O autor pretende rastrear, na obra lírica de Teófilo Dias, tomado como um precursor da estética realista e parnasiana em sua poética, as representações literárias sobre a fauna e a flora natural do Brasil como representações do projeto estético e ideológico do Romantismo, a fim de projetar ideais civilizatórios de progresso, que mais tarde vão culminar com a proclamação da República em nosso país.

Já o artigo de Fernando Moraes Gebra e Eduarda da Matta apresenta, como foco de análise, o universo de sonhos que atravessa o romance de Graciliano Ramos, “Vidas secas”. Segundo os autores, os personagens desta obra lutam não somente lutam para fugir da seca do nordeste brasileiro e do poder opressor que os vitimizam, como também vão em busca de outras realidades, idealizadas e utópicas, que acabam se tornando tema do universo onírico da ficção. Essa projeção onírica é descrita pelos autores, partindo de ensaios de Antonio Candido, Álvaro Lins, Alfredo Bosi e Belmira Magalhães, como a criação de um duplo espacial através da técnica do foco narrativo, de modo que os personagens tomam o espaço idealizado de uma outra natureza como a esperança de uma redenção, à qual se entrecruza os aspectos sociais presente na estrutura ficcional.

Não muito diverso é o objeto do artigo de Éverton Barbosa Correia. Em sua argumentação, o autor destaca que a obra de João Cabral de Melo Neto, embora tematize a cidade do Recife com muita ênfase (o que o caracteriza como um poeta urbano), apresenta vínculos importantes e inegáveis com a experiência que o poeta pernambucano manteve com a vida no campo, cuja influência e presença são perceptíveis em apreciável parte de sua produção lírica. Tomando como objeto de análise o poema “Por que prenderam ‘o Cabeleira’”, peça constante no livro “Agrestes”, o articulista aponta para uma nova imagem do autor, reflexo da figura de Cabeleira, tomado como “símbolo seminal do discurso regionalista”. Desta forma, o autor do

artigo apresenta uma nova interpretação sobre o regionalismo e sua importância cultural para a formação da lírica brasileira contemporânea, apontando elementos de localismo como índices de um projeto estético.

Ilva Maria Boniati apresenta, por sua vez, em seu artigo, uma análise sobre a ideia, na crítica literária brasileira, de que o regionalismo seria um fenômeno restrito à produção das últimas décadas do século XIX e primeiras do século XX. A autora, na contracorrente desta tendência interpretativa, comenta que, apesar do contexto histórico atual, globalizado, caracterizado por rápidas trocas culturais e um intenso fluxo migratório, obras de temática local/regional continuam a nutrir o sistema literário brasileiro. Como exemplo desse fenômeno, a autora analisa a obra “Concerto campestre”, do escritor gaúcho Luís Antônio de Assis Brasil. Para a autora, nesta obra em particular, o regionalismo é um espaço onde se torna possível negociar a existência de várias identidades, estabelecendo “um jogo de diferenças”, o que torna o gênero atual e dinâmico. Assim, aponta para a relativização da oposição existente entre cultural local e global.

Encerrando esta primeira sessão de artigos que versam sobre as representações literárias do campo, temos o trabalho de Sirlene Cristófano. Em seu texto, a autora propõe uma análise sobre a obra de Francisco Rodrigues Lobo, intitulada “A primavera” (1601). Segundo a autora, esta obra assumiu um importante papel ao longo da história da literatura portuguesa, uma vez que ela fornece o primeiro modelo de novela pastoril da língua, com notáveis influências líricas de origem camoniana, particularmente na temática do bucolismo e do desencanto. Ao logo de seu artigo, a autora procura realizar uma explanação sobre as linhas temáticas de “A primavera”, detendo-se particularmente na visão bucólica do amor neoplatônico e do pastoralismo presente na estrutura novelística.

Iniciando a seção em que os artigos se detêm particularmente sobre as relações entre o urbano e a literatura, temos o artigo de Ricardo Araújo Barberena. O seu ensaio tem como objetivo problematizar o conceito de identidade nacional em narrativas literárias de características urbanas, particularmente de autores mais recentes da literatura brasileira, como Marçal Aquino e Paulo Lins, e um mais decano, Nélida Piñon. O autor do artigo procura rastrear, em sua reflexão, como personagens marginalizados, social e economicamente, são exemplos típicos de uma representação identitária contrária ao conceito moderno de sujeito e identidade nacionais. Com este mote, procura demonstrar que, em romances urbanos, de linguagem fragmentada, a questão da identidade persiste como um problema de definição dos sujeitos nacionais, em busca de respostas e soluções novas para antigos problemas característicos da caótica nação brasileira.

No mesmo terreno conceitual de identidade nacional, segue-se o artigo de Rômulo Filizzola Nogueira, que discute a representação da cidade do Rio de Janeiro na obra do escritor carioca Lima Barreto. O autor problematiza em seu texto a experiência individual dos habitantes do Rio de Janeiro da Primeira República brasileira (1889-1930), particularmente ao detectar na obra de Lima Barreto um discurso de resistência às ideias positivistas de ordem, progresso, civilização e higiene, adotadas como modelo civilizatório oficial do Estado nacional nas primeiras décadas do século XX em nosso país. O ensaísta, desta forma, procura demonstrar como Lima Barreto desviou sua atenção para a cidade dos marginais e excluídos do processo civilizador e da identidade nacional que se construía através das intensas reformas urbanísticas do início do século XX.

Já o artigo de Gabriella Cornelli dos Santos procura enfatizar as intersecções e relações possíveis entre a noção de território urbano e a literatura, a partir da análise do

personagem Caliban no conto “Brazil”, de Paule Marshall. A autora procura sondar a relação de identidade cultural existente entre o personagem e o espaço no qual habita e circula (o Rio de Janeiro do século XX), a fim de demonstrar como ambos, personagem e cidade, são construídos através de elementos identitários imbricados entre si. Portanto, ao trabalhar as noções de “espaço” e “lugar” como elementos construtores da identidade cultural, a autora ilustra como ambos, personagem e cidade, influenciam-se mutuamente, deixando marcas um no outro, tornando-se interdependentes e entrecruzados.

A discussão em torno do entrecruzamento das questões de gênero e urbanização do imaginário é o objeto do artigo de Rafael Eisinger Guimarães. O autor propõe uma análise como tais questões articulam-se em torno do processo de desenvolvimento urbano de Santa Fé, cidade presente na obra de “O tempo e o vento”, de Erico Verissimo. Trata-se, em particular, de rastrear a construção do imaginário urbano em torno de Santa Fé a partir dos personagens masculinos Capitão Rodrigo Cambará, Licurgo Cambará e Capitão Rodrigo Terra Cambará. Em seu texto, o autor procura observar as relações existentes entre gênero, tais como jogos de poder e submissão entre homens e mulheres, espaços simbólicos masculinos e femininos, relacionamentos entre maridos, esposas e amantes, e a construção e delimitação do espaço urbano com o rural, empreendidas pelos personagens ao longo da evolução histórica da cidade de Santa Fé.

Por sua vez, Carla Cristiane Martins Vianna analisa poemas extraídos da obra “Coração verde” (1926), de Augusto Meyer, procurando, nos textos do escritor gaúcho, aliar elementos formais da sua lírica à temática do cenário urbano do início do século XX. Segundo a autora do artigo, com essa obra, Meyer procurou versejar o regional com o propósito de contribuir com o projeto de nacionalismo dos modernistas de São Paulo.

Jean Paul d’Antony Costa Silva, em seu artigo, investiga o indivíduo e o poeta colocados no centro pulsante de sensações e significados múltiplos da metrópole moderna. O autor aponta, como substâncias da modernidade, a constante mutabilidade e renovação que compõem, em adição aos diversos e multifacetados estímulos da natureza urbana da metrópole, as características poeta moderno, que se afasta do homem comum em razão de sua capacidade extrema de se amalgamar a este universo caótico e fugaz da cidade. O fluxo ininterrupto de sensações, percepções, estímulos, rápidas mudanças e ausência de permanência e estabilidade seriam, de acordo com o autor, múltiplas dissonâncias e, portanto, traços característicos do sujeito moderno, em especial o poeta.

Encerramos esta seção de análise e reflexão sobre a cidade com o texto de Glauber Costa Fernandes e Cláudio do Carmo. Em seu artigo, os autores debatem como a literatura brasileira, em particular nas últimas décadas, vem tematizando os sintomas causados pelo capitalismo tardio de nossa sociedade agro-industrial, cuja consequência mais clara é um mal-estar explícito diante da dificuldade permanente em incluir os marginalizados no processo de acumulação capitalista e do problema constante em se ler e compreender o mundo urbano contemporâneo. Neste sentido, os autores apontam a impossibilidade de constituição de um imaginário totalizante da cidade, de modo que muitos escritores que abordam o urbano, atualmente, valem-se de uma linguagem fragmentária e, por vezes, ilegível, o que provoca estranhamento e silêncio diante de obras como “100 histórias colhidas na rua” (1996), de Fernando Bonassi, objeto de reflexão deste artigo.

O estudo de Roberto Círio Nogueira parte da ruptura existente entre as obras de Guimarães Rosa e Rubem Fonseca, em torno do binômio campo/cidade. O autor volta

ao conceito de identidade nacional para questionar as discontinuidades existentes através das representações dos espaços urbano e rural legíveis nas obras dos autores, que estão em situação, em nosso sistema literário, de oposição e mesmo antagonismo quanto à temática. O ensaísta se detém sobre a vasta tradição literária em torno do regionalismo e das representações idealistas ou críticas sobre o campo em nossa literatura, que encontram em Guimarães Rosa o seu último e mais importante representante, em comparação com a obra de Rubem Fonseca, cuja obra versa sobre “pessoas empilhadas na cidade”, constituindo uma tentativa de abordagem estética do caótico mundo urbano brasileiro. Assim, para o autor, Rosa e Fonseca são intérpretes do Brasil, na medida em que, através de suas obras, apresentam uma formulação estética capaz de abranger a identidade brasileira em toda a sua vasta heterogeneidade, através da denúncia de nosso desequilíbrio sócio-econômico, sem apelar ao engajamento político e panfletário.

Cristiano Mello de Oliveira procura avaliar a questão da representação das cidades através da literatura de viagem de Ernesto Che Guevara “na sua famosa empreitada de aventuras pela América Latina” juntamente com seu companheiro Alberto Granado. O trabalho objetiva analisar e divulgar o livro “Primeiras viagens” (1996). Segundo o autor do artigo, Guevara e Granado, em suas andanças, procuram verificar o comportamento humano, as vicissitudes sociais, a natureza da vida, tudo isso sem se preocupar com a distância percorrida ou o tempo gasto nessa missão.

Por último, mas não por isso menos importante que os demais, encerramos esta seção do periódico com o ensaio de Jó Klanovicz, cuja reflexão aborda a literatura de pioneiros sobre a produção de maçãs no Brasil, em torno das noções conceituais de modernismo, biorregionalismo e ideal pastoral. O autor toma como corpus de análise as obras “Glória de pioneiros” (1984), de Gentila Porto Lopes, e “Fraiburgo: berço da maçã brasileira” (1989), de Willy Frey, onde é possível, segundo o ensaísta, encontrar referências claras ao biorregionalismo, à húbri, à escrita da natureza e ecos do imaginário ambiental, cujas origens encontram-se na Ecocrítica e na História Ambiental. Através da leitura destas obras literárias, o autor procura detectar, em seus respectivos discursos, um sistema cosmogônico onde tecnologia, instituições, representações sociais e relações ecológicas articulam-se em volta de anseios comunitários e modernos por uma concepção pastoral de mundo, com a reedição do mito edênico que liga a humanidade à natureza.

A Revista conta ainda com uma sessão de resenhas. A primeira delas é de autoria de Roseméri Aparecida Back, que faz uma crítica à obra “Estive em Lisboa e lembrei de você” (2009), de Luiz Ruffato. Este livro narra a história do mineiro Serginho que deixa o Brasil e vai a Portugal, onde tem de enfrentar e se adaptar a uma nova realidade. Gustavo Menegusso, por sua vez, resenha o livro “A boca da verdade” (2009), de Mario Sabito. Esta obra é composta de 11 contos, que, embora tratem de assuntos aparentemente distintos, estão ligados por um mesmo fio condutor: o questionamento a respeito da existência do ser humano ou a dor de existir. Na sequência, tem-se o texto de Vanderléia de Andrade Haiski que resenha o romance “Os espiões” (2009), de Luis Fernando Verissimo. Este livro se aproxima das histórias policiais, pois narra a façanha de um personagem que envolve seus amigos numa missão “sedutora” e “patética”: “ir à interiorana cidade de Frondosa desvendar o verdadeiro mistério de Ariadne e salvar sua vida”. Por fim, a resenha de Neides Marsane John Bolsan constitui-se num comentário crítico ao livro de poemas “Um a menos” (2009), de Heitor Ferraz Mello. Segundo Neides, determinados textos de Heitor tematizam o afastamento do eu-lírico do campo para criticar a cidade, falam da saudade da infância, mas também da degradação e da morte do ser humano.

Na última parte desta revista – “Convite à criação” –, contamos com poemas do ator e poeta maranhense Dyl Pires, que gentilmente nos cedeu textos de seu livro inédito, “O torcedor”. Trata-se de poemas em linguagem coloquial, em que o autor trabalha com imagens do urbano, particularmente da cidade de São Paulo, onde se encontra atualmente radicado. A lírica de Dyl Pires consegue expressar, com grandes doses de reflexão existencial e densidade poética excepcional, a solidão e a frieza da enorme metrópole paulista, onde os sujeitos modernos procuram identidade em meio ao anonimato.

Esperamos que o leitor, através dos trabalhos aqui publicados, encontre um rico acervo de leituras para o desenvolvimento profícuo de pesquisas e estudos na linha temática ora apresentada, bem como fique instigado a novas contribuições para os debates e discussões propostos no presente número. Resta, por fim, agradecer a cada um dos autores que enviaram os seus textos – artigos, ensaios, resenhas, poemas – para esta edição da Revista Literatura em Debate e, de igual modo, aos pareceristas que contribuíram para a qualificação dos trabalhos aqui publicados, bem como de todo o periódico.

Prof. Dr. Lizandro Carlos Calegari
Prof. Dr. Ricardo André Ferreira Martins

Editores